

A Vez é das Mulheres: A Voz Feminina no Jornalismo Literário Como Expressão Jornalística¹

Julia Zanutim PICOLO²

Liliane de Lucena ITO³

Centro Universitário Sagrado Coração, Bauru, SP

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma análise da obra literária da jornalista e escritora ucraniana Svetlana Aleksievitch, levando em consideração o jornalismo literário como uma expressão jornalística, tendo como objeto o livro *A guerra não tem rosto de mulher*. Publicado no Brasil pela Companhia das Letras, a obra traz voz àquelas que, como Aleksievitch aponta, estiveram caladas, pois “somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas’ da guerra” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 12). Ao questionar como o jornalismo literário é incorporado a essa produção contemporânea como expressão jornalística, levantou-se três hipóteses relacionadas à obra e sua funcionalidade jornalística: 1. A produção literária seria capaz de tornar a luta das mulheres mais atrativa para ser lida por conta das suas características narrativas, diferentemente do conteúdo noticiado no dia a dia; 2. A investigação jornalística encontraria um terreno fértil para ser evidenciada no formato livro-reportagem, por conta da junção de meios de expor informações; 3. Quando a mulher é protagonista, seja como fonte ou como autora, seriam reveladas também violências sutis, do campo simbólico, além de todas as outras formas de agressão. Para responder a tais perguntas, objetivou-se a análise do produto literário, discorrendo sobre o livro-reportagem como expressão do jornalismo mais atrativo para enaltecer a luta social das mulheres. Os procedimentos metodológicos incluíram a revisão bibliográfica e a pesquisa documental, além de análise de conteúdo. Em relação à revisão bibliográfica, foram fundamentais os conceitos de jornalismo literário, livro-reportagem, expressões jornalísticas, bem como conhecer a história da mulher na literatura e na conquista de seus direitos, sendo essenciais as obras: *Jornalismo Literário*, de Rogério Borges, *Páginas Ampliadas*, de Edvaldo Pereira Lima, e *Jornalismo Literário*, de Felipe Pena, para o embasamento histórico e conceitual do tema, além de artigos como: *Crítica*

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo - do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 26 a 28 de maio de 2022.

² Bacharel em Jornalismo pela UNISAGRADO, email: juliazanutimpico@gmail.com

³ Doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e orientadora do trabalho, email: lilianedelucena@gmail.com

Feminista, de Cecil Zinani, *A mulher na literatura*, de Bruna Cordeiro Lira, e *Da declaração a efetividade*, de Camille Silva e Giovanna Silva, que explicam a atualidade do tema, sem sair do contexto do objeto de estudo. Após o levantamento documental, no qual, “a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 157), foi realizada uma análise de conteúdo para levantar os dados quantitativos e qualitativos relacionados ao objeto de estudo. Nesta parte de análise empírica, passou-se por uma pré-análise do livro *A guerra não tem rosto de mulher*, seguido por uma codificação e, por fim, uma categorização e inferência, que resultou nas seguintes categorias: Violência Física, os registros considerados foram todos os atos físicos exercidos sobre as mulheres, para coagi-las ou oprimi-las às vontades dos homens; Violência Simbólica, nesta foram considerados atos para intimidar moralmente, oprimindo moralmente a mulher; Pressão Estética, foram considerados os ideais estéticos relatados gerando nas mulheres um sentimento negativo; Pressão Comportamental, registros de comportamentos esperados das mulheres no contexto que estavam inseridas; Autorreferencialidade, onde encontram-se todos os pensamentos e escritos que a autora se posiciona em meio ao texto. Dentro dessas categorias foram encontrados 39 registros de Autorreferencialidade, 42 registros de Pressão Comportamental, 33 registros de Pressão Estética, 40 registros de Violência Simbólica e 17 registros de Violência Física. A categoria *Pressão Comportamental* é a que, de forma chocante, possui mais registros. Esta assume qualquer ideia comportamental esperada das mulheres ou esperada por elas mesmas em relação ao contexto em que estavam inseridas, seja esse ideal negativo ou positivo. Era esperado um tipo de comportamento, de atitude de garotas que foram para o exército: “minha esposa, por exemplo, é uma mulher inteligente, mas tem uma visão negativa de mulheres militares. Acha que elas iam para a guerra procurar noivo, que todas tinham casos por lá” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 119), mas como a autora exalta vez e outra, essas garotas iam sim procurar algo, sua honra e dever no meio de uma batalha, o seu desejo de ir para o *fronte* lutar em uma guerra de homens, pegar em armas, metralhadoras, desarmar minas, algo que nunca foi esperado do “sexo frágil”, daquelas que deveriam ficar e cuidar da casa. *Pressão Estética* é a segunda com o menor número de registros, esta se refere a qualquer ideal atraente que era esperado das mulheres no contexto em que estavam inseridas, que causavam um sentimento negativo nelas, muitas vezes relacionados à

nostalgia ou à expectativa do que elas foram um dia e não eram mais consideradas como tal. Ao pensarmos em batalhas, se espera que entre os tipos de violência, a física fosse a mais citada, mas *Violência Simbólica* é a categoria com maior registro entre as duas categorias (*Violência Física* e *Violência Simbólica*), com um total de 40 registros, sendo todos atos ou feitos de intimidar moralmente, constrangendo a mulher, e exercendo injustamente o poder, gerando uma opressão mental. “Ele de repente sorriu, um sorriso tão luminoso em um rosto esgotado: ‘Abra o seu avental... Me mostre seu seio... Há muito tempo não vejo minha mulher...’. Fiquei desnorteada, eu nunca tinha nem dado um beijo. Respondi algo para ele. Saí correndo e voltei uma hora depois” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 30). Nesta passagem é possível ver o que é esperado do papel feminino na guerra, um conforto para um homem que não vê sua esposa há tempos, mas nenhuma consideração pela garota que está a sua frente. *Violência Física* foi a categoria com menor contagem de registros, sendo um total de 18. “Capturamos umas moças alemãs e... Dez homens estupravam uma. Não havia mulheres o suficiente, a população havia fugido do Exército soviético, pegamos as jovens. Meninas... Uns doze, treze anos... Se choravam, batíamos nelas, enfiávamos algo na sua boca” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 34). Conclui-se, então, que mesmo aparecendo de maneira escassa, com 9,94% dos registros totais, a violência física causa impacto pela maneira como é apresentada no decorrer do livro. Estes registros mostram o comportamento superior masculino de que a mulher deve se submeter ao homem, independente da sua vontade, e que o sentimento de vergonha pelos atos destes só se mostram em frente a “conhecidas”, ressaltando o gênero feminino da palavra, porque como visto no trecho acima, não há vergonha entre o gênero masculino. A grande disparidade na quantidade de registros, sendo os pertencentes às categorias *Violência Simbólica* e *Pressão Comportamental* os de maior constância no livro, revela que, mesmo sendo um ambiente violento, não é essa a história que o lado “feminino” da guerra quer contar. Como é explicado por Solnit (2017) há um confronto de gêneros que historicamente vem ocorrendo e este é ressaltado em todo o livro ao demonstrar a opressão do personagem masculino sobre o feminino, mostrando a necessidade da voz das mulheres serem escutadas e transmitidas. Contudo, para que isso ocorra, é necessário ser realizado por escritoras, para que haja uma real compreensão do que está sendo abordado.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; jornalismo literário; livro-reportagem; representatividade feminina; Svetlana Aleksievitch.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Tradução Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 1ed., 2016.

BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário** – análises do discurso. Série Jornalismo a Rigor, v.7. Florianópolis: Insular, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2ed., 1995.

LIRA, Bruna Cordeiros. **A mulher na literatura: seus enquadramentos e a precariedade da emancipação**. Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v.2, ed. especial, p. 381-388, dez. 2016.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2ed., 2021.

SILVA, Camille B.; SILVA, Giovanna N. F. **Da Declaração a Efetividade: uma análise sobre a trajetória dos principais instrumentos internacionais de proteção aos direitos das mulheres no tempo e sua influência no cenário brasileiro**. São Paulo: Revista Pensamento Jurídico, v.15, n.1, jan./abr. 2020.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Cultrix, 1ed., 2017.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e Gênero: a Construção da Identidade Feminina**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2ed., 2013.